MARTINS, R. Educação musical: conceitos e preconceitos. Rio de Janeiro: FUNARTE - Instituto Nacional de Música, 1985.

NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. Revista da UFG, v. 5, n.2, 2003.

PACHECO, E. D. Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIRES, M. C. de C. O som como linguagem e manifestação da primeira infância. Revista Pátio Educação Infantil, n.8, 2005.

PONSO, C. C. Música em diálogo: ações interdisciplinares na Educação Infantil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROSA, L. S. S. Educação musical para a pré-escola. São Paulo: Ática, 1990.

SCAGNOLATO L. A. de S. A Importância da Música no Desenvolvimento Infantil. Webartigos, 2009.

SILVA, D. G. da. A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil: uma análise da literatura. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SOUSA, J. V. DE; VIVALDO, L. A importância da música na Educação Infantil. Partes Revista Eletrônica. 2010.

OS PROCESSOS PERCORRIDOS PELAS CRIANÇAS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.

MARCIA RODRIGUES DOS SANTOS SILVA

Resumo:

Atualmente, a educação tem buscado por novas metodologias a fim de gerar condições para desenvolver diferentes habilidades que possam levar os educandos a desenvolver a criatividade e o autoconhecimento, que os capacite a estar em diferentes culturas e viver em diferentes culturas ao mesmo tempo fortalece seu papel de transformar a sociedade. Assim, este artigo tem como objetivo discutir sobre a Arteterapia e a sua contextualização na educação. É importante discutir o tema, pois, ele envolve a ampliação do debate sobre a função da mesma na educação, pois, ela possui estratégias capazes de fazer com que os educandos se autoconheçam, estimulando inclusive a criatividade. A presente pesquisa está baseada em levantamento bibliográfico a respeito do tema, incluindo monografias, teses dissertações e a partir da concepção de diferentes autores. Das pesquisas emergiu como resultado que a Arteterapia é uma ferramenta que pode contribuir para desenvolver a criatividade e o autoconhecimento dos educandos. Palavras-chave: Arteterapia. Educação. Educação Inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto, a educação tem buscado por novas metodologias no intuito de gerar condições para desenvolver diferentes habilidades que possam levar os educandos a desenvolver a criatividade e o autoconhecimento, que os capacite a estar em diferentes culturas e viver em diferentes culturas ao mesmo tempo fortalecendo seu papel de transformar a sociedade.

Transformar esses elementos através da Arteterapia pode compreender na criação de atividades que resultem em processos transformadores de si e de sua comunidade.

A Arteterapia é uma atividade que, ao lidar com estratégias lúdicas que integram em suas diferentes dimensões, podendo ser entendida como uma alternativa que pode ser aplicada em todos os espaços institucionais que levam ao objetivo que é a educação humana.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica a partir de monografias, teses, dissertações, artigos, dentre outros materiais acadêmicos. Desta forma, a pesquisa se desenvolveu com base na literatura e sites especializados sobre a área em questão.

O objetivo desta pesquisa, foi o de discutir sobre a importância de integrar a Arteterapia dentro das escolas para ajudar os educadores a promover o autoconhecimento e a criatividade dos educandos. Assim, reflete-se o desenvolvimento de estratégias artísticas e lúdicas que permitem a formação humana dos educandos na escola.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 DIFERENTES PROPOSTAS DE ENSINO EM ARTETERAPIA

No fim do Século XX, assistiu-se ao surgimento de diferentes propostas de ensino para melhorar a criatividade e o autoconhecimento, a fim de reduzir os problemas voltados a emoção e ao aprendizado dos educandos. Entre essas propostas está a Arteterapia, que surgiu inicialmente na área da saúde, seja em hospitais ou no atendimento clínico, para atender questões psicológicas envolvendo o autoconhecimento e a comunicação.

A Arteterapia tornou-se uma metodo-

logia que pode ser utilizada em salas de aula com educandos em diferentes etapas escolares. No entanto, para lançar mais luz sobre esse tema, é necessário repensar a concepção da mesma, pois, segundo Bordin (2014) ela deve ser utilizada de forma terapêutica contribuindo com os diferentes campos do saber, constituindo-se como uma prática multidisciplinar e visa tratar as pessoas em sua totalidade através das mudanças e do autoconhecimento.

A educação visa contribuir para que as pessoas sejam capazes de atuar na sociedade transformando-a; para isso é preciso que a pessoa se envolva em interações afetivo-emocionais com os outros membros da sociedade.

A educação, neste momento histórico, tem a tarefa de formar pessoas com um novo perfil, estamos falando do desenvolvimento de habilidades nos alunos que lhes permitirão interagir com as pessoas, ou seja, conviver.

Nos dias atuais, a educação baseia-se nos quatro pilares da educação propostos por Delors: aprender a conhecer, a conviver, a fazer e a ser. Isso obriga a escola a repensar a forma como atua e, consequentemente, a repensar o papel do docente e do educando. Segundo o autor, deve-se desenvolver no ambiente escolar a convivência entre os pares a fim de melhorar o seu desenvolvimento.

Conviver com os demais significa compreender a si e reconhecer as próprias limitações. Aqui, a Arteterapia só tem a contribuir para isso, pois, envolve o autoconhecimento e o empoderamento emocional.

Para criar condições para que as pessoas convivam com o diferente, é preciso despertar o interesse pelo autoconhecimento, em lidar conscientemente com nossos limites e possibilidades, em aceitar e respeitar a diversidade (TOMMASI, 2011).

Desta forma, através do autoconhecimento, consegue-se definir cada indivíduo e respeitar as diferenças. Com isso, é possível interagir com pessoas de diferentes etnias e culturas. Isto cria condições para desenvolver uma cultura centrada no respeito, seja local ou global.

Por isso a pessoa assume-se

Ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. Assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'autoridade' do' não-eu', ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE,1996, p.46).

Como ferramenta, a Arteterapia auxilia o docente a fazer o educando se reconhecer como indivíduo social e histórico permitindo mudanças significativas ao longo do processo.

Ainda, a Arteterapia desenvolve a criatividade, que se torna importante em um momento histórico já que a sociedade necessita de seres criativos no mercado de trabalho. Santos (2003, p.32) relata que: O sistema educacional deve se interessar em expandir o autoconhecimento e o potencial criativo de seus alunos e atuar como ponte promovendo aprendizagem envolvida no sistema, desde primeira série até a educação de adultos [...].

Quanto as necessidades da escola nos dias atuais, a Arteterapia torna-se um instrumento que pode ser aplicado, onde educadores com conhecimento nessa área, poderão atender as necessidades dos educandos quanto a socialização, o conhecimento mútuo e a criatividade.

A Arteterapia é estruturada e pré-organizada através de atividades como a exploração de materiais artísticos, delimitação do escopo de ação, delimitação de cronologias, monitoramento e avaliação (BORDIN, 2014), possibilitando o autoconhecimento e a transformação dos educandos.

Para compreender essa transformação, é primordial que se compreenda os mecanismos ativados durante a prática das atividades artísticas, segundo a psicanálise, tratando-se das energias, onde o inconsciente converte energia instintiva transformando-a em impulsos. Freud (BORDIN, 2014, p.3), simboliza de forma concreta o inconsciente a partir de sua produção, apresentando relação com o psiquismo.

Os impulsos conduzem o indivíduo em sua reorganização interna, que leva a novas perspectivas de sua realidade:

[...] o fazer arte implica diretamente nestas mudanças, transformações, pois, estimulam as ordenações de ideias surgidas pela elaboração mental, aquele que tem acesso à arte ou ao fazer artístico, está tendo oportunidade de desenvolver e configurar habilidades, as quais são por sua vez, reveladoras da estrutura cognitiva de quem as realiza, reflete a maneira pessoal de cada um relacionar-se, de ver o mundo e a maneira como está ele (URRUTIGARAY apud BORDIN, 2014, p.3).

No contexto educacional promove o autoconhecimento dos educandos, pois, as atividades artísticas produzem neles mudanças internas, envolvendo a subjetividade, que altera a compreensão da própria realidade.

Há muitas maneiras de conceituá-la. Uma delas seria enxergá-la como disciplina híbrida, voltada para a conexão entre os campos da arte e da psicologia. Segundo Ciornai (2004), a mesma envolve o uso de meios artísticos em contextos terapêuticos. É uma maneira pela qual cada indivíduo pode encontrar vias de expressão para esculpir e

redimensionar suas dificuldades na vida junto a técnicas e diferentes materiais.

Enquanto a arte pedagógica veicula a arte em si, a arteterapia tem o propósito de promover a mudança psicológica, bem como a expansão da consciência, a gestão de conflitos emocionais, o autoconhecimento e o desenvolvimento da personalidade proporcionando a solução de conflitos internos.

Sabe-se o quanto é difícil para o paciente ou educando poder falar sobre seus distúrbios pessoais, a Arteterapia surge com a função de poder esboçar e analisar as expressões de forma individual, sempre buscando uma melhor compreensão do tema. Esta é uma técnica sutil de atuação que combina elementos expressivos e criativos, onde a Arteterapia pode ser utilizada em pessoas de todas as idades, desde crianças a idosos, individualmente ou em grupo.

A prática é eficiente inclusive para o trabalho com dependentes químicos, hiperatividade, deficiências auditivas, visuais e físicas, doenças degenerativas, mentais e dificuldades verbais e intelectuais. No Brasil, esse novo contexto surgiu com o trabalho desenvolvido por Nise da Silveira, psiquiatra, que trouxe uma reformulação para o trabalho com pessoas que apresentam distúrbios mentais criando a Sessão de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico em 1946, no Rio de Janeiro.

Em 1952 fundou o Museu de Imagens do Inconsciente e coletou materiais que foram criados nas oficinas artísticas do Departamento de Terapia Ocupacional. Mas depois, em 1956, em colaboração com amigos, abriu uma clínica de reabilitação para pessoas que vieram de instituições psiquiátricas. Ela também foi responsável por introduzir a psicologia junguiana no Brasil.

Silveira (2001), defendia o estudo da pessoa com distúrbios mentais a partir da pintura porque acreditava esta poderia lhe trazer questões do inconsciente que não foram relatadas pelos pacientes em entrevistas com terapeutas. Por essas razões, o autor decidiu usar a arte como terapia e, assim, criticar a psiquiatria atual.

Através de oficinas terapêuticas, ele encorajou pacientes a descobrirem o significado dos materiais criados por eles mesmos, bem como a trabalharem dentro de si uma possível cura e reflexão de suas patologias com expressivas modalidades artísticas.

As sessões incluem pintura, desenho, modelagem, bordado, dança, teatro, entre outros elementos a fim de capacitar e facilitar a comunicação entre professor/terapeuta e paciente/educandos. Assim, se cria um bem-estar físico e mental através da criação artística; bem como interpretar a obra de arte feita por uma pessoa específica no com o objetivo de contribuir para o desbloqueio do conteúdo psicológico traumático (FERNANDES, 1990).

Através do engajamento com a arte, pode-se transformar a realidade e a si mesmo, florescendo a percepção, a organização e a ordem do pensamento, que possibilita compreender as circunstâncias, bem como a dimensão de si mesmo (URRUTIGARAY, 2004).

Os benefícios da Arteterapia no cotidiano, afeta praticamente a todos, pois, o trabalho com ela cria reflexão e concentração deixando as pessoas mais calmas, mais atentas, com eles mesmos. Focados na produção, acompanham atentamente o resultado. Fazer arte permite liberar emoções conscientemente, o que permite ao sujeito recuperar uma nova vitalidade.

São vários os fatores que envolvem o uso da Arteterapia como elemento facilitador da aprendizagem. O mundo da arte combinado com a terapia pode ajudar o educando a exteriorizar suas inclinações e possibilidades e para facilitar o aprendizado e construção de conhecimento. Através dessas práticas pode-se trabalhar principalmente com a baixa autoestima da criança, baixo rendimento escolar, indisciplina, problemas de socialização e insegurança (AZEVEDO e MIRANDA, 2011).

Dessa forma, as experiências são usadas para processar blocos de aprendizagem e construir conceitos. Por essas razões, seria importante nas escolas, especialmente em ambientes educacionais inclusivos, o professor de arte trabalhar técnicas voltadas para a Arteterapia.

Além dos conteúdos, pode-se desenvolver diferentes linguagens, ajudando os educandos a expressar seus conflitos internos através de diversas modalidades artísticas para tentar superar e ter mais qualidade de vida.

Acolher e proporcionar-lhes um ambiente para criar arte e falar sobre seu processo criativo, a Arteterapia permite: aumentar a autoconfiança e autoestima; desenvolver habilidades cognitivas; estimular imaginação e criatividade; a expressar sentimentos difíceis de verbalizar; etc.

Para fazer uso dessas possibilidades, é preciso avaliar o material terapêutico de cada educando, pois, eles podem ajudar de forma mais rápida e direta nos conflitos internos e inconscientes. Portanto, seria interessante elaborar novas propostas que pudessem facilitar o compartilhamento de experiências com os educandos promovendo o progresso mútuo.

Para Silva (2005), uma das formas de se trabalhar seriam as oficinas criativas, ou seja, atividades individuais ou em grupo ou que visem promover o desenvolvimento dos aspectos afetivos e cognitivos do sujeito nas

diferentes relações durante a realização de um projeto artístico. As experiências e atividades expressivas ajudam a pessoa a desenvolver recursos que lhe permitem lidar com as questões de sua vida e o momento de desenvolvimento de forma mais integrada e ampliar seus potenciais.

É oportunizado para cada indivíduo a oportunidade de aprender sobre diferentes técnicas que lhes dão um melhor conhecimento sobre si mesmo, os outros e o mundo ao seu redor, enriquecendo e expandindo suas experiências pessoais.

Atividades de arte terapêuticas podem proporcionar experiências estéticas que evoquem lembranças esquecidas, como choro contido, dores, alegrias, caminhos inexplorados, conquistas e sonhos a realizar.

Segundo Coll et al. (1995), a Arteterapia permite ao indivíduo entrar em diálogo com seu interior e perceber que se pode abraçar o novo a partir da arte.

2.2 PROPOSTAS DA ARTETERAPIA

Segundo CAGNONI e MATTOS (2009), a arte favorece a resignação dos sujeitos sobre seu papel nas diversas interações em que participam e sobre suas condições de vida presentes e futuras. A Arteterapia surge como uma aplicação com um objetivo expressivo e libertador, assim como as artes sempre foram.

A Arteterapia é um método relativamente novo que usa a arte como base, surgindo na década de 1930, quando terapeutas e educadores reconheceram a relevância de símbolos e metáforas na expressão de sentimentos. Primeiro em clínicas psiquiátricas e em estúdios de liberdade de expressão para outros tratamentos (REIS, 2014).

A prática evoluiu na década de 1960 através do uso de diversas formas de expressão artística com um propósito, seja ele terapêutico e/ou educacional, que não exigia habilidades especiais, talentos únicos ou qualquer coisa de especial, sensibilidade consolidada que trata a utilização de uma metodologia de expressão (ARANHA, 2006).

Rutz (2010), discute que estudos mais antigos sustentam muitos dos demais estudos produzidos nessa área, conseguiu apontar algumas das questões já levantadas na literatura por meio de um estudo então misto e bastante sólido sobre o assunto

A Arteterapia é amplamente descrita por psicólogos e educadores com benefícios reconhecidos em termos de expressão, aceitação regulação das emoções, embora possamos dizer que ela é um recurso para a expressão concreta da intangível subjetividade humana (REIS, 2014).

Pintar, imaginar, fotografar, dançar, desenhar, escrever expressivamente, entre outras, todas essas atividades de expressão são capazes de fazer nossos conflitos, críticas, emoções e interpretações mais inconscientes. No contexto infantil a expressão artística é livre e sem tantas críticas e julgamentos (FRANCISQUETTI,1992).

Reis (2014) traz uma reflexão sobre a literatura, em que analisa os pressupostos básicos que norteiam essa prática. A reflexão desenvolvida mostra que ela é permeada por uma imagem estética do homem, apesar das diferentes condições de enquadramento teórico. Conclusão: a arte pode ser uma ferramenta valiosa em uma ampla variedade de contextos.

Nessa linha, Vasques (2009), apresenta um estudo qualitativo sobre a Arteterapia na saúde e sua importância na promoção da saúde mental. Em seu trabalho ele entrevista profissionais que atuam na área das artes com pessoas em busca de qualidade de vida. Seu estudo indica melhoria na qualidade de vida e no autocuidado, bem como possíveis práticas no contexto de saúde mental.

Alencar (2007), expressa que a arte para crianças é um meio de expressão natural e espontânea que ajuda a desenvolver a comunicação interpessoal e que a literatura já está mostrando como abordar esse assunto apropriadamente editado, mas nos convida a refletir sobre o que foi realizado na tentativa de encaixar a arte no ambiente escolar.

Notas sobre espaço, carga horária, acesso aos insumos necessários, intervenção, programas rígidos e inflexíveis, falta de capacitação, objetivos e resultados esperados, entre outras questões a serem observadas e pensadas em um projeto de Arteterapia escolar.

Já para Carrano (2013), a prática nas escolas de educação infantil mostra-se promissora e deve ser ampliada já que as crianças, com seus conflitos cotidianos, intensos e permeados por questões atuais, precisam de apoio para enfrentar aspectos emocionais e subjetivos.

Este lado sensível e emocional, criativo e único pode ser tocado através da expressão artística livre que desenvolve o reconhecimento de identidade, autonomia, pertencimento e autoaceitação. O autor descreve como diferentes materiais podem ser incluídos no processo criativo imaginativo que ajuda na formação da própria identidade.

Goldschmidt (2004), explora o jogo e a interface do imaginário para compreender e analisar como relacionamentos, comportamentos básicos, papéis sociais, escolhas pessoais, questionamentos, frustrações, perdas, lutos, problematizações desenvolvemos e expressamos aspectos da personalidade através de meios lúdicos, espontâneos e livres.

A Arteterapia aplicada à educação infantil é uma prática geralmente psicopedagógica, vinculada à pedagogia inclusiva, além de uma prática importante, pois, permite estimular e desenvolver habilidades cognitivas e amplia as possibilidades de comunicação e expressão.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe uma discussão a importância do docente de artes e a incorporação de práticas terapêuticas para os educandos, incluindo a educação inclusiva. Ressaltou-se que, estimulando diferentes habilidades, essas práticas podem ser incorporadas à educação a fim de compreender as necessidades dos educandos, para que sejam feitas adequações nos materiais e estratégias didáticas e assim promover o aprendizado.

A literatura sobre arte e educação aponta para a importância de se adaptar e adequar recursos e estratégias. A disciplina precisa adaptar o currículo para os educandos, atendendo-os de forma eficaz.

Inúmeros discursos que compõem a escola envolvem adequá-lo à nova legislação e à nova realidade social que se impõe. O desafio para os educadores é criar uma sala de aula onde possam existir diferenças de qualquer tipo.

Deve-se valorizar a inclusão dos educandos, refletir e reestruturar a formação continuada dos docentes, ou seja, repensar as práticas. Se não acreditar no valor e na importância de sua realização, se não se sente capaz de conduzir alguma transformação, não há chance de que ele esteja proporcionando uma educação para a melhoria do ensino e aprendizagem.

. Os docentes e à comunidade escolar devem se adequar à realidade em que se encontram e buscarem a educação e a formação complementar para aprimorar as práticas educativas, incluindo a educação especial para que seja justa.

Por essas razões, seria importante haver um profissional de arte capaz de desenvolver técnicas baseadas no conceito de Arteterapia para considerar a educação inclusiva. Além de ensinar o conteúdo da disciplina, deve-se trazer diferentes materiais e linguagens, ele poderia ajudar os educandos a se expressarem através artes, seus conflitos internos, a fim de superá-los e alcançar qualidade de vida.

Assim, deve-se ampliar o diálogo existente entre a arte e a prática terapêutica na educação. Com isso em mente, recomenda-se estudos futuros realizados por pesquisadores, artistas visuais e docentes de arte para ampliar a compreensão da relação entre arte e educação.

.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E.S. de. Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Vol. 23 n. especial, pp. 045-049, 2007.

ARANHA, M.A. História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil. 3 Ed. – revisada e ampliada – São Paulo: Moderna, 2006.

AZEVEDO, D.M.; MIRANDA, F.A.N. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. Esc Anna Nery, v. 15, n. 2, p. 339-45, 2011.

BORDIN, V. Arteterapia em Saúde Mental. 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais e 2º Seminário de Direitos Humanos. 2014. Toledo. Arteterapia em Saúde Mental. Disponível em:. Acesso em: 06 mar 2022.

CAGNONI, B.; MATTOS, M.F.da S.C.G. A releitura de obras de arte na educação infantil: atividade ou um caminho para a criatividade?. Plures: humanidades, Ribeirão Preto, SP, [s.d.], v. 10, n. 12, p. 78-9. 2009.

CARRANO, E. Materiais de arte: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CIORNAI, S. Percursos em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

FERNANDES, A. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 1990.

FRANCISQUETTI, A.A. A arte em um centro de reabilitação. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 12, n. 1, p. 34-38, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S14149893199200. Acesso em: 14 mar. 2022.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDSCHMIDT, L. Sonhar, pensar e criar. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

SANTOS, V.O. Arteterapia na Educação. Rio de Janeiro.2003. Monografia (Especialização em Arteterapia na Saúde na Educação) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em:

http://www.avm.edu.br/monopdf/2/VANIA%20OLIVEIRA%20SANTOS.pdf. Acesso em: 08 ma. 2022.

REIS, A.C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, p. 142-157, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11. Acesso em: 11 mar. 2022.